

PIOLHO OU LAMBIDA

Johnny Virgil



I

O tempo já prenunciava um evento dramático.

O vento vinha em rajadas rápidas, contaminado com o pó da estrada, folhas secas e gravetos da mata ao redor. As nuvens carregadas, de um cinza-escuro que lembrava o roxo, já tinham tomado conta do céu. A chuva não demoraria a cair.

A cadela de traços indefinidos continuava a sua caminhada à beira da estrada de terra. Tinha uns olhos grandes, brilhantes e aquosos; um focinho comprido e úmido, mas com uma camada de pó rachada como se fosse o leite de um açude seco; um pelo duro, com mechas de várias cores; umas tetas gordas e cansadas, cheias de pintas, que revelavam a sua idade e o número de crias que já tivera.



Ao que parecia, ela vinha alegre, alimentada que estava com uns pedaços de carne que tinha tirado de uma lixeira. Só esperava fugir da chuva e reencontrar o seu esconderijo, não muito quente nem confortável, mas que a protegia contra os caprichos do tempo.

A estrada estava vazia. Mansinha (esse era o nome que lhe haviam dado, ainda filhote; outros lhe haviam conferido, mas nem sempre tão gentis e bonitos) vinha pelo lado, desviando de buracos com água suja empoçada e dos tufos de capim que balançavam freneticamente. Os primeiros pingos

de chuva caíram, ainda raros, grossos e pesados. Ela estava próximo do seu esconderijo.

Acelerou o passo, quase correndo. As orelhas se lançavam para trás, levadas pelo vento.

Uns metros adiante, numa curva, à direita, o capim à beira do caminho era mais ralo, e viam-se hastes amassadas, pisadas. Uma trilha pouco utilizada começava ali. Antes de virar e entrar nela, a cadela olhou para todas as direções, inclusive para trás. Não havia ninguém, ou nada, à vista.

Assim que entrou na trilha, diminuiu o ritmo. Os pingos já caíam em maior número. No início, a vegetação era rala, mas logo algumas árvores apareceram, até as plantas rasteiras sumirem inteiramente e a cadela estar pisando as folhas secas e molhadas de uma mata secundária. A trilha parecia terminar em um ponto escuro. Chegando-se mais próximo, percebia-se que era um pequeno galpão de madeira escurecida pelas intempéries. O telhado de zinco ainda resistia ao tempo.

Havia um pequeno buraco na parede, onde a madeira já havia apodrecido. Mansinha agachou-se, com a barriga colando-se ao chão e as patas traseiras estendidas. Mal pôs a cabeça para dentro, sentiu que havia algo de errado. Farejou o ar e identificou um odor diferente, que a deixou em alerta. Alguma coisa penetrara o seu esconderijo. Seu pelo ficou eriçado, seus membros se enrijeceram, exibiu os dentes amarelos e as gengivas, mascarando o rosnado. O interior na penumbra dificultava a identificação de qualquer intruso.

A chuva desabou, então, barulhenta sobre o telhado, um grande estrondo sobre o metal. Os sons dentro do galpão ficaram disfarçados, indistinguíveis, a luminosidade era quase inexistente; só restava o olfato como sentido passível de uso. A cadela acabou colocando o corpo todo para dentro, como forma de estar mais preparada para a eventualidade de um ata-

que e, também, escapar da inclemência da tempestade que se desfraldava do lado de fora.

Mansinha estava brava. Era um contratempo a mais para um dia nada fácil. Tensa, esperava que algo acontecesse logo. Assim, de repente, ouviu o que parecia ser um ganido. Vinha de um canto mais afastado do galpão, aonde não ia com frequência. Sorrateiramente, pata ante pata, ela foi andando na direção do ruído. Bastou alguns passos para sentir o cheiro de sangue no ar. O que significava ainda não era possível dizer. Com cautela, avançou. Viu as sombras mexer-se. Acelerado, o coração de Mansinha denotava um estado crescente de excitação.

Algo caiu no chão estrondosamente. Mansinha olhou para o lado e viu uma mancha negra. Um fedor forte de sangue e pus impregnou subitamente o ambiente. Arrepiada, Mansinha deu um passo para trás. Um relâmpago iluminou o interior do galpão por um brevíssimo segundo.

À frente de Mansinha, num ângulo estranho, um borrão negro e malcheiroso rangia os dentes. Não parecia nem um pouco contente com a presença dela ali.